

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP

Class.: ECO 92

56

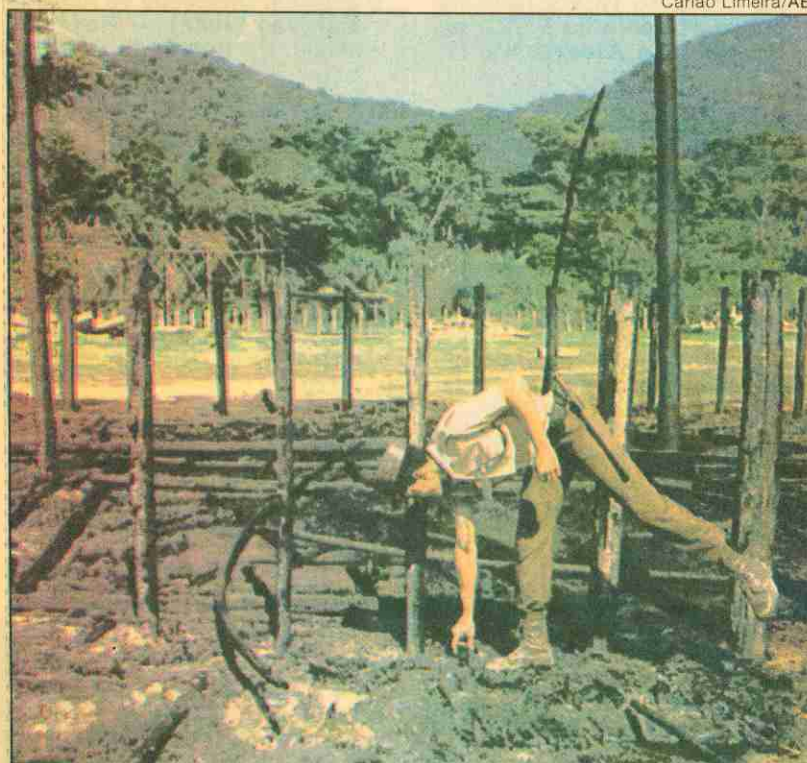
Data: 31/07/92

Pg.: _____

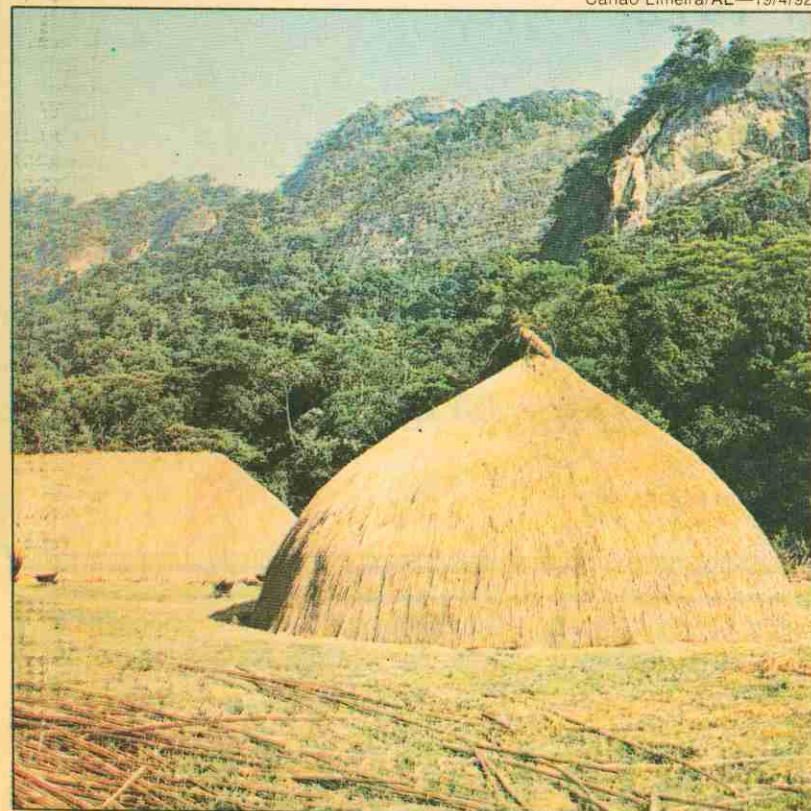
ÍNDIOS

Balão destrói aldeia Kari-oca no Rio

Carlão Limeira/AE



Carlão Limeira/AE—19/4/92



Depois do incêndio

A aldeia destruída (no alto) e como era o local que abrigou índios durante a Rio-92, em junho (acima)

HAPPY CARVALHO

RIO — Um balão com cerca de 20 metros de altura provocou um incêndio que destruiu, na madrugada de ontem, as três principais ocas da aldeia Kari-oca, instalada na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, na Zona Oeste da cidade. O incêndio durou pouco mais de 15 minutos. Os bombeiros só chegaram à aldeia meia hora depois, quando as três ocas já estavam destruídas. Não houve feridos. O local abrigou cerca de 600 lideranças indígenas durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), em junho. Os últimos índios tucanos deixaram o local há 15 dias.

Minutos antes de o fogo destruir as ocas, cerca de cem integrantes da turma de baloeiros Boca de Ouro, armados de escopetas, metralhadoras e revólveres e usando carros e motocicletas, renderam os seguranças da colônia e invadiram a aldeia para tentar salvar o balão que também acabou destruído.

A maior das três ocas, onde foram realizadas as plenárias durante a Rio-92, tinha 25 metros de comprimento, 12 metros de largura e 8 metros de altura. De acordo com o diretor de patrimônio da Colônia Juliano Moreira, Roberto Marcus Martins, essa foi a última oca a ser atingida pelo balão que veio do lado leste da aldeia.

De acordo com Martins, as lanterninhas presas à armação do balão (cangalha) se soltaram e, aos poucos, atingiram duas outras ocas menores, de 14 metros de comprimento, 9 metros de largura e 7 metros de altura. Martins acredita que, empurrado pelo vento para o lado oeste, o balão atingiu parte lateral da terceira oca, a cerca de 60 metros das outras duas, e alcançou uma árvore de 30 metros de altura, onde a cangalha ficou presa. A bucha do balão foi encontrada a 10 metros, entre uma cerca de madeira e a árvore.

Floresta — A aldeia Kari-oca, segundo Martins, foi abandonada pelas autoridades públicas três dias depois do encerramento da Rio-92. Ele afirmou que a energia elétrica e a água foram cortadas, os telefones retirados e, por inúmeras vezes, enviou ofício ao Corpo de Bombeiros para que mantivesse dois bombeiros no local a fim de evitar incên-

dios. De acordo com o diretor de patrimônio da colônia, caem muitos balões naquela área que possui uma floresta de 124 quilômetros quadrados, de propriedade do Parque Estadual da Pedra Branca. Martins disse que depois da Rio-92 manteve um segurança da colônia na área, juntamente com um fiscal do Instituto Estadual Florestal (IEF), o único órgão mantido pelo Estado no local.

O índio Álvaro Tucano, responsável pela construção das ocas e membro do Comitê Intertribal, mostrou-se indignado com o descaso das autoridades. "Nós pedimos ao governo estadual que mantivesse bombeiros na aldeia, mas nos disseram que ficaria muito caro." Segundo ele, a aldeia seria transformada em Fundação Intertribal e iria abrigar projetos de divulgação da cultura indígena nas escolas e na sociedade civil em geral. Tucano disse que vai se reunir com as lideranças indígenas para estudar como será feita a reconstrução das três ocas.

Construção teve origem tumultuada

RIO — A aldeia Kari-oca nasceu em clima de discórdia. Com uma área de quase 20 mil metros quadrados, as 10 tendas e 3 ocas foram concebidas em três meses por índios do Alto Xingu, de Tocantins e tucanos do Amazonas. Ali foi realizada a Conferência dos Povos Indígenas. Durante os três meses de construção da aldeia, os 80 índios encarregados da obra passaram por dificuldades financeiras e ficaram sem alimentos e água. Os índios realizaram manifestações para conseguir verbas para alimentação.

Depois da Rio-92, dezenas de índios foram abandonados na aldeia, sem verba para alimentação ou dinheiro para as passagens de volta às suas tribos.